

Intolerância Religiosa: A Ferida Aberta Do Cientificismo¹

*Religious intolerance:
The Open Wound of Scientology*

Deise Gabriela Carmo de Souza²

Resumo: O presente artigo propõe uma reflexão a partir dos estudos de raça iniciados no século XIX acerca da situação atual de intolerância religiosa às pessoas do candomblé, moradoras das comunidades periféricas do Rio de Janeiro. Esboça o estudo científico usado para tomar todas as esferas de poder, vitimando a etnia negra e tudo que abrange sua cultura. Analisa como o etnocentrismo, campo que inferiorizou a religião de matriz africana, com bases teóricas atraiu cientistas brasileiros como, por exemplo, Nina Rodrigues que encontrou base científica para contribuir com a tentativa de apagamento da religião negra.

Palavras-chave: Religião, Intolerância religiosa, Candomblé, Comunidades periféricas.

Abstract: This paper aims reflect the current situation of religious intolerance over people of candomblé, living in peripheral communities of Rio de Janeiro, from studies about race at XIX century. It outlines the scientific study used to seize power, eliminating black ethnic group and all

Artigo recebido em: 06 fev. 2018

Aprovado em: 03 ago. 2018

¹Artigo apresentado como requisito de avaliação do componente Prática de Leitura e Produção de Texto sob orientação da Prof.^a Dr.^a Andréa Betânia da Silva – Doutora em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia em co-tutela com a Université Paris Ouest Nanterre La Défense e docente da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

²Aluna do 1^o semestre do curso de Ciências Sociais da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

your culture. It analyzes how ethnocentrism, that despised African religion, found scientific basis to contribute with attempt to destroy the black religion, attracting Brazilian scientists such as Nina Rodrigues.

Keywords: Religion. Religious intolerance. Candomblé. Peripheral communities.

Introdução

Desde que o cientificismo foi usado como verdade absoluta em toda a Europa no século XIX e que foi aberto um campo para estudar os povos a partir de um modelo eurocêntrico, se criou o conceito de raça e com ele a negação de todas que não fossem brancas, dentre elas, a negra. Essa negação a um povo e sua cultura se estendeu durante séculos, fazendo com que ele procurasse meios de manter a cultura viva.

Quando os africanos foram sequestrados para o Brasil no século XVI tentaram, com muitas revoltas, subversão e resistência, viver a sua cultura. Sempre foram alvo de demonizações das sociedades locais que cultuavam a imagem de um deus branco, de traços finos e único, trazido pelos colonizadores portugueses para apagar a religião indígena que, segundo eles, não existia e, assim, o país tornou-se oficialmente católico.

Depois de quase quatro séculos de um sistema escravocrata e da implantação dos estudos etnocêntricos nos espaços acadêmicos, apoiados pelas sociedades e seus governantes, o povo negro criou meios para que pudesse adorar seus deuses, os orixás, que se tornaram alvo de preconceitos e demonização, sendo seus adeptos muito perseguidos. Desde muito antes da abolição as pessoas religiosas do candomblé vêm sofrendo ataques nesse país insistente em manter vivos os estudos de homens brancos e ditos cristãos que afirmavam ser a religião dos africanos um atraso às culturas ocidentais e que viam na religião católica uma salvação para, principalmente os afrodescendentes, sofrerem um apagamento da religião de origem dos seus ancestrais. O resultado desses estudos ainda tão vivos no Brasil é constantes depredações aos terreiros, violências psicológica e física contra pessoas religiosas, ainda nos dias atuais, atrelados a um proselitismo que cerca o país desde que o homem branco aqui pisou, um proselitismo já não mais católico, mas de uma vertente protestante, a nova onda do protestantismo

brasileiro: o neopentecostalismo. Pessoas de denominações neopentecostais geralmente têm discursos fortes e intolerantes acerca das religiões de matriz africana e têm atraído tanto traficantes de drogas das comunidades periféricas que, outrora eram os fiéis protetores dos terreiros de candomblé dessas áreas e de suas mães e pais de santo, quanto os usuários que são cristãos não praticantes, aquelas pessoas que adotam os discursos dessas igrejas, mas não se convertem de fato, o que soa ainda mais perigoso para as pessoas que os cercam.

Com todos esses fatos violentos acontecendo como se estivéssemos ainda na modernidade, confrontando com a igreja pelo direito ao culto ancestral, há uma necessidade que cotidianamente se estende: que medidas mais severas sejam tomadas pelo Estado ainda tão omissivo quanto a isso, apenas agindo diante das várias manifestações de solidariedade das pessoas que militam pelas causas das minorias ou quando algum órgão estadual é presidido por pessoas que são ativistas do movimento negro. Frente a isso fica a pergunta: quem está por trás dessas constantes cenas de violência de intolerância religiosa no Brasil, em suma, no Rio de Janeiro? Visto que em um ano de gestão, o prefeito da cidade e pastor, além do descaso com a diversidade religiosa e de aparelhar órgãos públicos com objetivo de não atender às entidades candomblecistas, fechou uma casa religiosa, a Serrinha do Jongo. Com estes casos já violentos, faz-se nítida a imagem de uma cidade que, em quatro anos, tentará sobreviver a uma gestão pentecostal ao passo que, historicamente, foi praticamente fundada por pessoas negras que cultuavam vários deuses.

2. Etnocentrismo e a Degradação do outro

Em meados do século XIX explodiram as teorias de cientistas que defendiam a eugenia, como Cesare Lombroso, da Universidade de Turim, na Itália. Um antropólogo, psiquiatra e criminólogo considerado o pai da criminologia moderna, que afirmava que pessoas negras possuíam criminalidade nata e atavismo, e Conde de Gobineau, que fez estudos afirmando que a miscigenação seria um processo de alto grau de degeneração intelectual e zombou do evolucionismo afirmando que acreditava que essa degenerescência encaminharia os africanos para o estágio de um macaco. Com tais teorias efervescendo na Europa, cientistas médicos brasileiros como

Estácio de Lima e Nina Rodrigues, médicos legistas, criminologistas e, sobretudo, seguidores de Lombroso, trouxeram para o Brasil a convicção da inferioridade e degenerescência dos povos africanos, bem como praticariam, a partir disso, o culturicídio.

Todos os povos que não obedeciam ao padrão branco-cristão e sua cultura dita avançada eram considerados inferiores, pois os povos europeus estavam no centro de todas as formas de vida, poder e intelectualidade. Grandes acontecimentos ao redor do mundo do século XIX / XX giraram em torno das teorias raciais, como, por exemplo, a Segunda Guerra Mundial, que teve um cunho essencialmente etnocêntrico, quando, embasado no arianismo, Hitler dizimou milhões de pessoas de diversas etnias, julgando serem elas o motivo do atraso da Alemanha, pois, em sua engenharia social elas não eram necessárias para o quadro de um país do primeiro mundo.

Segundo Mignolo³(2004), essas teorias etnocêntricas da modernidade são causadoras da colonização dos saberes e, por isso, há a necessidade de uma decolonialidade, que é o processo da descolonização dos saberes eurocêntricos em resposta às opressões que a ciência moderna causava, negando aos outros grupos étnicos a racionalização desses conhecimentos e sendo também responsáveis pela sistematização do genocídio das outras culturas de formavelada.

Barrett ⁴ é didático no que tange ao campo científico que, por séculos, negou às pessoas não-europeias e não-cientistas a racionalidade, justamente para não haver contestação. O referido autor detalha de forma ampla as ideias dos principais estudiosos da área da antropologia, fazendo com que seus leitores conheçam os principais feitos e posicionamentos acerca de assuntos que ainda são de certa forma, inacessíveis e teorias que ainda são causadoras de epistemicídio e de racismo institucional em nossos dias. Teorias que sustentam o código penal de diversos países, presentes ainda nas academias militares e em cursos do alto escalão, como medicina e direito, e, principalmente, afirmações que ainda vitimam diversos povos, em um descontrole grotesco de genocídio e intolerâncias

³MIGNOLO, Walter D. *Os esplendores e as misérias da “ciência”: colonialidade geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistêmica*. SANTOS, Boaventura de Souza. (org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente*. São Paulo: Cortez, 2004, p.668.

⁴BARRETT, Stanley R. *Traduzido por Fábio Creder. Antropologia. Guia do Estudante à Teoria e ao Método Antropológico*. Rio de Janeiro: Vozes, 2015, p. 2-24

religiosa e cultural.

O etnocentrismo, em todas as suas formas, teorias e práticas, sempre causou e continua a causar o caos e da degradação de diversos povos, inclusive no Brasil, vitimando os indígenas, nativos da terra e os africanos, povos seqüestrados de seu continente para viverem em situação humilhante e degradável por séculos e ainda serem sujeitos a estudos e conclusões patológicas que os fariam, ainda séculos depois, através de seus descendentes, vítimas de um sistema racista que age em suas várias esferas como formas de excluir as pessoas negras e seus saberes acadêmicos e populares, suas religiões, como vem sendo corriqueiro no Brasil. Além de tantos homicídios físicos e culturais, o etnocentrismo foi também difusor do epistemicídio que ainda hoje está em curso.

3 Nina Rodrigues e a patologização do candomblé

A Bahia, onde Nina Rodrigues estudou por determinado tempo na primeira faculdade de medicina do país e depois tornou-se cátedra e importante figura para medicina legal no Brasil, recebendo homenagem com a nomeação do Instituto Médico Legal da cidade de Salvador, foi uma das primeiras localidades onde essas teorias entraram em vigor, vitimando os adeptos do candomblé e entrando para o rol das contribuições científicas que deslegitimariam a religião negra no mundo inteiro. E para começar a sua contribuição no extermínio da cultura africana, embora tenha mapeado todos os terreiros e suas formas de cultos sistematicamente, Nina Rodrigues escreve e publica no Rio de Janeiro, em 1896, o livro que seria a base para a intolerância religiosa na Bahia e no Brasil afora: *O animismo fetichista dos negros baianos*. Um trecho deixa clara a indignação do doutor para com a religião africana:

A existência na Bahia de crenças fetichistas tão profundas, de práticas tão regularmente constituídas como as da África; não occultas e disfarçadas, mas vivendo a plena luz do dia, de uma vida que tem arrhas de legalidade nas licenças policiais para as grandes festas annuas ou candomblés; que conta com a tolerância da opinião pública manifestada na naturalidade com que a

imprensa diária dá conta dessas reuniões como si se tratasse de qualquer fato da nossa vida normal [...]⁵.

Este livro foi uma grande contribuição para a volta das campanhas da elite cristã da Bahia através dos jornais e da autorização do Estado para que a polícia interviesse de qualquer maneira nas manifestações culturais dos povos africanos e seus descendentes brasileiros libertos da escravidão, sendo a polícia a personificação de uma sociedade que exaltava o cientificismo da época e via em sua religião cristã a salvação universal.

Apesar de Nina Rodrigues ter feito o primeiro trabalho etnográfico de mapeamento das casas de candomblés da Bahia do final do século XIX, fica explícita em seu livro a real intenção do conhecimento sobre a religião africana: a busca pela cura daquele fenômeno, para ele, psíquico. E, dentro de seus estudos, suas frequentes visitas aos cultos e conversas com africanos pais e mães de santo, o médico enxergava surto coletivo, histeria e fingimentos nas manifestações nos terreiros e, com isso, passou a desenvolver uma forma de hipnose em seu consultório, como tratamento em oposição ao tratamento oferecido pelos terreiros aos que procuravam algum tipo de cura.

Quando as perseguições se intensificaram, já no início do século XX na Bahia, no regime do governador José Joaquim Seabra, Nina Rodrigues falece em 1906, na França, porém o seu grande “legado” fica representado na pessoa do delegado Pedro Gordilho, o mais violento policial, retratado, inclusive, na obra de Jorge Amado *Tenda dos Milagres* (1969):

[...] a perseguição aos candomblés era natural corolário da pregação racista iniciada na Faculdade e retomada por certos jornais. Pedrito Gordo punha a teoria em prática, produto direto de Nilo Argolo e Oswaldo Fontes, sua lógica consequência⁶.

Do mesmo modo, surge também em cantigas de roda de capoeira e inúmeros artigos sobre a religião africana na Bahia, como aponta Alvarenga:

⁵ RODRIGUES, Nina. O animismo fetichista dos negros bahianos. Rio de Janeiro: UFRJ/Biblioteca Nacional, 2006, p.28.

⁶ AMADO, Jorge. *Tenda dos milagres*. 7. Ed. São Paulo: Editora Martins, 1971, p.171.

Não gosto de candomblé que é festa de feiticeiro quando a cabeça me doe serei um dos primeiros. Procópio tava na sala esperando santo chegá quando chegou seu Pedrito Procópio passa pra cá Galinha tem força n'aza o galo no esporão Procópio no candomblé Pedrito é no facão. Acabe com este santo Pedrito vem aí lá vem cantando ca ô cabieci⁷.

Com isso, a cristandade-racista da elite é representada pela legalidade do Estado e pela campanha de limpeza étnica dos jornais, tendo como principal crítico o presidente do Jornal *A Tarde*, senhor Ernesto Simões Filho, como citado por Lühning (1996, p. 208-9): “Pela madrugada de ontem, o dr. Pedro Gordilho, 1^o delegado auxiliar, deu em cerco ao candomblé de Procópio, á Matta Escura” (*A Tarde*, 20/5/1920, p.2) e segue:

Nesses antros de feitiçaria, dispersos pela cidade, ocorrem scenas monstruosas, impressionantes, não raro victimando os imprudentes que se prestam às bruxarias. A polícia ignora e fecha os olhos propositadamente [...]⁸.

Funciona, ha tempos, no Engenho Velho, um ‘candomblé’ infernal, roubando a tranquillidade dos moradores locais. São gritos, discussões, luctas, tantas outras irregularidades que os ‘irmãos’ quando ‘apoderados’, promovem. E isto se registra não somente durante o dia, também á noite.

Tais situações de perseguição e preconceito na Bahia contemporânea de Nina Rodrigues, que estudava as religiões negras a partir do seu referencial, o cristão católico, duraram até a década de 1970, quando em 1974 foi legalizado o culto africano, porém, as ações mais virulentas decorreram de 1900 a 1942, maior parte do tempo no ‘reinado’ do delegado Pedro de Azevedo Gordilho que, segundo Lühning⁹(1996, p. 198), permaneceu ainda ativo na polícia baiana, mesmo em certo tempo não sendo mais o condutor das

⁷ LÜHNING, Ângela.. Mito e realidade da perseguição ao camdomblé baiano entre 1920 a 1942. *Revista USP*, n 28, 1995 – 1996, p. 196.

⁸LÜHNING, 1996, p.209.

⁹LÜHNING, 1996, p.198.

batidas nos terreiros e tendo seu tempo como delegado alterado em certa biografia por motivo que nunca foi a público.

4 “Traficantes De Cristo”: Intolerância religiosa nas Comunidades Periféricas do Rio de Janeiro

A cidade do Rio de Janeiro vem sendo palco de várias ações violentas por parte dos líderes do tráfico nas comunidades da periferia por questões de religiosas, ou melhor, por questões intolerantes à religião do outro. Após todas as tentativas de destruição do candomblé no Brasil, depois das teorias eugenistas fazerem parte da agenda dos intelectuais da elite branca-cristã, os resquícios fortes ficaram a cargo das igrejas protestantes, visto que a igreja católica que tanto demonizou a religião negra passou a fazer parte do ecumenismo, até por razões do sincretismo religioso, pois após tanta violência às pessoas que já faziam parte da nossa história, passou a aceitar seus santos lidos como orixás pelas pessoas do candomblé. No entanto, o protestantismo assume o lugar de perseguidor.

Recentemente uma onda de fascismo religioso vem assombrando o país e sendo destaque nas mídias, principalmente as mais acessadas: as redes sociais. O surgimento mais absurdo dentro dessa nova onda de apagamento da religião africana no Brasil é o aparecimento dos ‘traficantes de Cristo’, os evangélicos traficantes das periferias, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, a segunda cidade onde existiu mais escravizados, mais favelas e mais adeptos do candomblé, atualmente sob a gestão do bispo Marcelo Crivella, da Igreja Universal do Reino de Deus. Casos já aconteciam isoladamente, porém, somente este ano houve uma série de acontecimentos de desrespeito aos direitos das pessoas do candomblé e da umbanda.

Comandantes do tráfico, que outrora até protegiam e respeitavam pais, mães, filhas e filhos de santo das comunidades, vêm sendo os autores das mais pesadas ações de violência contra os religiosos de matriz negra na ‘cidade maravilhosa’, sob ameaças de disparar tiros em meio a discursos de ódio provenientes de neodoutrinas cristãs, fazendo com que as próprias pessoas religiosas destruam seus santuários, seus terreiros com as próprias mãos, como uma forma de serem castigadas, uma forma de autopunição. Isso parece ser devastador para uma pessoa religiosa que tem amor à

sua história e à sua religião, o que fica perceptível no semblante delas ao serem filmadas pelos seus próprios algozes e expostas nas redes. Foi o que aconteceu recentemente com uma ialorixá em Nova Iguaçu que foi obrigada, sob a mira de um revólver, a destruir o santuário do seu terreiro. Houve outro caso: um babalorixá foi obrigado a destruir seu terreiro, ameaçado sob a mira de um taco de beisebol, ao som de frases de cunho religioso e sob a afirmação de que o ‘mano’ não queria macumba ali. Todos os casos foram registrados e publicados pelos próprios traficantes e em todos havia discurso cristão-fanático como “*Apaga as velas, porque o sangue de Jesus tem poder!*” “*Arrebenta as guias todas!*” “*Todo o mal tem que ser desfeito, em nome de Jesus!*” “*Primeiramente é Jesus! Quando vocês forem bater cabeça aí na casinha do cachorro, vocês primeiro pedem licença a Jesus!*” “*Eu sou da honra e glória de Jesus!*”. Em outro caso, já não tão recente, uma criança de onze anos foi atacada com uma pedra na cabeça por estar vestindo as indumentárias brancas de sua religião, também no Rio de Janeiro.

O antagonismo entre cristãos e candomblecistas surge quando, segundo Teixeira Sobrinho e Magalhães¹⁰ (2010) demonizam Exu e o legitimam como diabo, ou seja, “uma subversão ao Deus judaico-cristão”, pois o diabo é a figura que afronta a lógica cristã, e, por isso, “coube a ele representar o demônio”, na visão católica, que foi quem implantou todo o sentido de pecado, diabo e de um deus único no período colonial. Dentre todos os orixás, apenas Exu pode representar uma subversão ao cristianismo, como assegura Yeda Pessoa de Castro, referida por Teixeira Sobrinho e Magalhães:

[...] visto pela ambiguidade do seu caráter, ao mesmo tempo símbolo de forças negativas e positivas, destruidoras e protetoras, a divindade representada por Exu, seu nome no panteoniorubá, terminou sendo confundido com o Diabo concebido pelo Cristianismo, ainda mais porque é visto como símbolo da sexualidade e suas representações sempre exibem um pênis de tamanho descomunal.

¹⁰ TEIXEIRA SOBRINHO, Antônio Carlos Monteiro; MAGALHÃES, Carlos Augusto. Jorge Amado e as identidades às margens .ANTARES, Letras e Humanidades, n. 4, 2010.p 152.

Era a única entidade negra que podia simbolizar a contraface de Deus [...]¹¹.

E justamente por esses traços da personalidade de Exu, por representar a sexualidade, que para a igreja é o símbolo do pecado, a comunicação, as inquietudes, as persistências, é que ele foi alcunhado de diabo, o oposto do Deus cristão.

O pentecostalismo e neopentecostalismo sempre foram perseguidores do candomblé, vide a Igreja Universal do Reino de Deus, representada, a partir da década de 70, quando entrou na fase neopentecostal, por Edir Macedo, que sempre teve como alvo de batalhas espirituais as religiões afrobrasileiras. É também observável que essa nova fase do pentecostalismo, que tanto trava batalhas contra o povo do candomblé, se apropriou do transe como a forma de viver a religião no próprio corpo, uma espécie de avivamento, como o transe no culto africano, usurpando, assim, esse fenômeno atéentão hegemônico do candomblé e demonizou a prática, já que, para ela, ambas não podiam usar das mesmas formas de avivamento porque eles são de Deus e os candomblecistas do Diabo.

Nos grupos socioeconomicamente desfavorecidos no século XX, havia muitos adeptos do candomblé que eram moradores das periferias, onde havia união e ajuda mútua nas comunidades, como já mencionado aqui sobre os traficantes protegerem as pessoas responsáveis pelas casas, mas hoje, com o proselitismo em massa geralmente usado pela Igreja Universal e outras denominações como a Igreja Mundial e Assembléia de Deus, praticando corrupção política e associação ao tráfico de drogas, tem feito o povo negro se voltar contra os seus, oprimindo e violentando seus irmãos históricos em nome de uma religião historicamente racista, não porque somente advém do catolicismo, religião que também foi cúmplice do genocídio indígena e da escravidão, mas porque teve como fundador um membro que já fez parte da KuKluxKlan.

Não obstante, o que Nina Rodrigues fez no final no século XIX se repete na segunda metade do século XX, quando o americano Walter Robert McAlister, bispo e fundador da Igreja Pentecostal de Nova Vida, no Rio de Janeiro, na década de 60, escreve o livro *Mãe de santo*, em 1968, narrando de forma a demonizar a história do candomblé, a conversão de uma negra baiana ao cristianismo, como

¹¹ CASTRO, 2000 *apud* TEIXEIRA SOBRINHO E MAGALHÃES, 2010, p.152

diz no texto referido por Silva:

Esta é a incrível história de uma baiana, cuja marca de faca, em seu braço direito, predestina-a desde o nascimento a ser mãe-de-santo, servindo os orixás e sacrificando aos exus a partir dos nove anos de idade. Nesta quarta edição, reestruturada, você vai sentir a repugnância experimentada por Georgina Aragão dos Santos Franco, ao ser enclausurada num quarto fétido, cheirando a sangue seco, sangue este com que lhe cobriram o corpo inteiro, ao fazer o santo. Adivinhará depois toda sua alegria e euforia, quando finalmente descobriu não mais pertencer sua alma ao diabo, pois o sangue de Jesus Cristo passou a ser em sua vida mais forte e poderoso que quaisquer oferendas, vãos ou obrigações. Estou convencido de que você voltará muitas vezes a ler esse livro, como também o passará às mãos de amigos, parentes ou conhecidos que seguem as seitas afro-brasileiras. Aliás, este é um livro que todo brasileiro deve ler [...]¹²

¹² SILVA, Vagner Gonçalves da. *Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: significado do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo*. Mana, v. 13, n. 1, 2007, p. 29-210.

A cidade do Rio de Janeiro, agora mais do nunca, vai viver estes cenários com discursos de ódio religioso, depredações de templos e violências físicas partindo de quaisquer pessoas e/ou grupos que se disponibilizem a servir ao racismo religioso e aos interesses financeiros e políticos de representantes religiosos das igrejas pentecostais e neopentecostais, pois já se faz notório que essa motivação odiosa de pregação violenta e de condução coercitiva do remanejamento de pessoas e terreiros das comunidades periféricas seja de autoria de pessoas que seguem uma onda conservadora e de obscurantismo religioso, motivadas pelos ideais destes grupos, ainda mais tendo sido McAlister ‘pai espiritual’ de figuras como Edir Macedo, Marco Feliciano e Silas Malafaia, pessoas que se destinam a viver destilando ódio contra o povo afrobrasileiro e sua cultura, LGBTs, indígenas, dentre outros, apesar de, paradoxalmente Macedo ter se apropriado de elementos do candomblé e da umbanda para criar sua doutrina para uma igreja hoje mundialmente conhecida, inclusive em alguns países da África.

Quando um livro é escrito com a tentativa de apagar e demonizar ou desmoralizar um povo, sempre estará vivo, repassando a todas as gerações o modelo de oprimir e violar os direitos. Foi assim na Bahia com Nina Rodrigues que em 2006 teve seu livro sobre a religião dos negros da Bahia republicado pela antropóloga brasileira Yvone Maggie e está sendo assim no Rio de Janeiro, onde a maioria elegeu um dos maiores seguidores de McAlister, mais um perseguidor da cultura afrobrasileira que também imortalizou sua intolerância quando escreveu *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?* E esse mesmo autor do livro e de diversas atitudes intolerantes criou em sua igreja em 2015 um batalhão de jovens chamados de Gladiadores do Altar, onde batiam continência e vestiam roupas semelhantes as do Exército, fato que chegou a preocupar bastante as entidades religiosas negas, pelo fato de serem alvo dessas violências por parte da instituição que mais se contrapôs e violou os direitos das matrizes africanas desde sua fundação. O Rio de Janeiro tem sido ultimamente o quadro mais violento de intolerância religiosa no país.

5. A gênese da intolerância

Há dois milênios a humanidade baseia suas convicções e moral na Bíblia, livro escrito sob vieses pautados em culturas tradicionalmente fundamentalistas. Esse livro mostra, especialmente no Antigo Testamento, o quanto o culto a outros

deuses, chamados de “deuses estrangeiros”, contrariava ao deus Yahweh, que mandava castigos e amaldiçoava locais onde as imagens de ‘ídolos’ eram enterradas ao seu próprio comando:

Deus disse a Jacó: “Suba a Betel e estabeleça-se lá, e faça um altar ao Deus que lhe apareceu quando você fugia do seu irmão, Esaú”. Disse, pois, Jacó aos de sua casa e a todos os que estavam com ele: “Livrem-se dos deuses estrangeiros que estão entre vocês, purifiquem-se e troquem de roupa. Venham! Vamos subir a Betel, onde farei um altar ao Deus que me ouviu no dia da minha angústia e que tem estado comigo por onde tenho andado”. Então entregaram a Jacó todos os deuses estrangeiros que possuíam e os brincos que usavam nas orelhas, e Jacó os enterrou ao pé da grande árvore, próximo a Siquém. Quando eles partiram, o terror de Deus caiu de tal maneira sobre as cidades ao redor que ninguém ousou perseguir os filhos de Jacó (BÍBLIA¹³, Gn. 35:1-5)

Naquele tempo o politeísmo era já uma marca cultural nas várias regiões e religiões. A proliferação de deuses era devotada ainda que tivessem um como deus maior. Havia o culto à natureza no povo de Cuxe (Etiópia) e aos deuses antropozoomórficos, bem como a gigantes considerados heróis; e até aos baalins, especificados como deuses da fertilidade, do trovão, da aliança e do Norte, por exemplo, elementos e características que se aproximam muito dos cultos de matrizes africanas. Inclusive, com um estudo mais aprofundado e leituras bem exploradas, consegue-se enxergar inúmeras características do culto africano, que é o candomblé atualmente, conhecido somente a partir do século XIX com o seqüestro de africanos para o Brasil. Fazendo uma ligação dos mitos e seus seres mitológicos, pode-se visualizar, como mencionado acima, traços de cultos a vários deuses em África, cada um deles com uma função específica e, desde então, odiados pelo povo abraâmico, cujo pai se recusou a adorar a outros deuses, chamados de ídolos. O que se pode observar é que a adoração a imagens em miniaturas dos

¹³BÍBLIA. *Bíblia Sagrada: nova versão internacional* / [traduzida pela comissão de tradução da Sociedade Bíblica Internacional]. São Paulo, 1993, 2000, p. 27

cultos a outros deuses em outras culturas sempre foi alvo de violência por parte daqueles que abarcaram em suas edições da Bíblia suas ponderações em busca de uma conotação político-religiosa, culminando em guerras, mortes e muita violência aos direitos humanos pelo mundo afora, uma conotação que não admite outras interpretações do seu livro alegórico e demoniza quem assim o faz.

O politeísmo é apontado na Bíblia como algo que gera conseqüências como: castigos, mortes, tragédias geográficas e doenças, ‘profecias’ até muito usadas no discurso de convencimento usado pelos evangélicos a fim de promover terrorismo espiritual para fomentar as chamadas ‘batalhas espirituais’ na doutrina pentecostal e neopentecostal, onde o bem está sempre ameaçado pelo mal. Deus x Satanás. Desde os tempos bíblicos esta batalha é fomentada e, ainda hoje, segue-se o sentido literal, onde as imagens de outros deuses devem ser destruídas e seus seguidores, castigados com doenças, mortos ou culpados por catástrofes geográficas ou então castigos materiais como, por exemplo, perda de suas casas, destruição dos templos usados para seus cultos, como acontece hoje em várias localidades com presença de pessoas negras que cultuam uma religião não-cristã, no Brasil. Estes problemas são também fruto de leituras equivocadas destes textos, pois contam sobre fé, formas de lideranças políticas e convicções de povos de culturas distintas e de milhares de anos de distância da nossa realidade, detalhes importantes e que requerem muitos cuidados nas interpretações, apesar de terem severamente especificado e, por isso, haver e ter havido tantos conflitos que se consolidam até os dias atuais: só há um deus.

Considerações Finais

Diante de todos esses casos de violência religiosa ao longo da história do mundo e, em específico do Brasil, um país que sempre tentou ejetar de sua biografia pessoas e culturas que não obedeciam ao padrão totalmente eurocentrado, cristão-católico e hoje cristão-protestante, um país que ainda tenta expelir de suas entranhas uma religião que há quatrocentos anos luta pela sobrevivência e pelo direito de existir, seja no Rio de Janeiro, na Bahia ou em São Paulo, onde uma mãe de santo prestou queixa contra uma funcionária evangélica que foi intolerante com sua filha de santo e deu uma lição pública de moral e cidadania, se faz extremamente necessário que a

lei seja piamente cumprida e que haja, para a diminuição dessas violências, um modelo educacional onde a história afrobrasileira seja exposta, lecionada e estabelecida nos âmbitos acadêmico e profissional.

O Brasil é um país que apesar de laico constitucionalmente, tem bebido muito da fonte do protestantismo neopentecostal nas últimas décadas e vem crescendo especialmente nas áreas mais subdesenvolvidas onde líderes espirituais, os pastores, geralmente não têm nenhum tipo de preparação para conduzir leituras bíblicas, fazendo isso a grosso modo, espalhando de forma viral a intolerância aos direitos das pessoas, gerando guerras entre grupos étnicos pelas diferenças religiosas, elucidando suas elucubrações carregadas de alegorias, cujas interpretações ficam cada vez mais distantes das manifestações socioculturais atuais e dos direitos humanos e cada vez mais próximo das leis mosaicas, mostrando uma controvérsia entre serem cristãos ou adoradores de Moisés, pois de Jesus Cristo vê-se a olho nu que nada seguem.

Milhares de violências de diversos tipos são aplicadas no Brasil por questões religiosas, porém as mais fatídicas são direcionadas às pessoas adeptas das religiões africanas e afrobrasileiras, sendo estas politeístas, como a exemplo do candomblé, que teve uma quantidade elevada de pessoas dizimadas e surradas no decorrer da história e hoje dizimadas através do desrespeito aos seus direitos sociais e culturais. A soberania do deus criado no Oriente está cada dia, desde os tempos antigos, mais assegurada e difundida, quanto mais se fazem leituras e interpretações equívocas ou nenhuma interpretação, sendo essa falta de assimilação um mal que, infelizmente, continuará a trazer problemas de intolerância religiosa e retirada de direito à liberdade religiosa em país, constitucionalmente laico e praticamente (des)governado pela bancada evangélica, onde pastores recrutam “fiéis” criminosos para combater religião politeísta e negra.

Referências

AMADO, Jorge. *Tenda dos Milagres*. 7. ed. São Paulo: Editora Martins, 1971.

BARRETT, Stanley R. Traduzido por Fábio Creder. *Antropologia. Guia do Estudante à Teoria e ao Método Antropológico*. Rio de

Janeiro: Vozes, 2015.

BÍBLIA. *Bíblia Sagrada: nova versão internacional* / [traduzida pela comissão de tradução da Sociedade Bíblica Internacional]. São Paulo.

LÜHNING, Ângela. “Acabe com esse santo, Pedrito vem aí...” Mito e realidade da perseguição ao candomblé baiano entre 1920 a 1942. *Revista USP*, n. 28, p. 194-220, 1995-1996.

MIGNOLO, Walter D. *Os esplendores e as misérias da “ciência”: colonialidade geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistêmica*. SANTOS, Boaventura de Souza. (org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente*. São Paulo: Cortez, 2004.

RODRIGUES, Nina. *O animismo fetichista dos negros bahianos*. Rio de Janeiro: UFRJ/Biblioteca Nacional, 2006.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo*. *Mana*, v. 13, n. 1, p. 207-236, 2007.

TEIXEIRA SOBRINHO, Antônio Carlos Monteiro; MAGALHÃES, Carlos Augusto. *Jorge Amado e as identidades às margens*. *ANTARES, Letras e Humanidades*, n. 4, p. 141-160, 2010.